

CARTA DA INDÚSTRIA

ANO XXIII | 803 | MARÇO 2022



eSocial

Acesso Seguro

O eSocial é um sistema informatizado da Administração Pública e todas as informações nele contidas estão protegidas por sigilo. O acesso não autorizado, a disponibilização voluntária ou accidental da senha de acesso ou de informações e a quebra do sigilo constituem infrações ou ilícitos que sujeitam o usuário a responsabilidade administrativa, penal e civil.

O usuário declara-se ciente das responsabilidades acima referidas ao acessar qualquer sistema no sítio eletrônico do eSocial.

Módulo Simplificado

Disponível para o Empregador Doméstico, o Segurado Especial e o MEI – Microempreendedor Individual. Para acessar, informe seu CPF/CNPJ, código de acesso e senha ou utilize o login do Gov.br.

Módulo Web Geral

As Empresas e o Empregador Pessoa Física poderão acessar o eSocial por meio do login do Gov.br sendo

Acesso GOVBR

Entrar com gov.br

O Gov.br é um serviço online de identificação e autenticação digital de cidadão em único meio, para acesso aos diversos serviços públicos digitais.

Saiba mais sobre GOVBR

OU

Código de Acesso

CPF/CNPJ:

Código:

Senha:

eSOCIAL PARA GESTORES

Preparamos um conjunto de orientações, com base nas dúvidas dos associados sobre a plataforma do governo federal relativa ao envio de informações de Saúde e Segurança do Trabalho (SST)

ESPECIAL

Mulheres ocupam espaço na indústria, do chão de fábrica aos mais altos cargos

ENTREVISTA

Rodrigo Orair, do Ipea, esclarece os principais pontos em debate na reforma tributária



- Firjan
- Firjan SENAI
- Firjan SESI
- Firjan SESI Cultura



- Firjan



- Firjan
- Firjan SENAI
- Firjan SESI



- Firjan

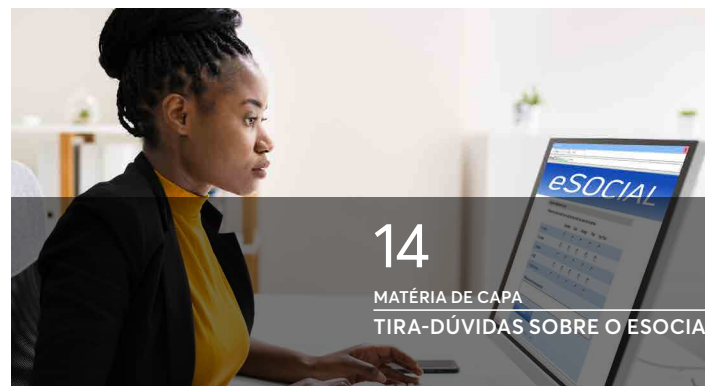


- Firjan
- Firjan SESI Cultura
- Casa Firjan

Atualize-se
Participe
Compartilhe

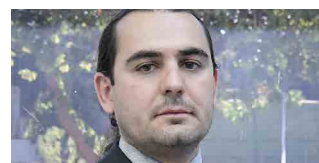
ANO XXIII | 803 | MARÇO 2022

CARTA DA INDÚSTRIA



14

MATÉRIA DE CAPA
TIRA-DÚVIDAS SOBRE O ESOCIAL



6

ENTREVISTA
RODRIGO ORAIR, ECONOMISTA E
PESQUISADOR DO IPEA



10

INOVAÇÃO
EMPRESAS EM TRANSFORMAÇÃO



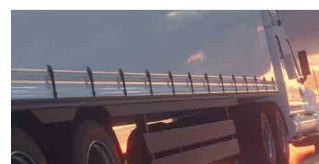
18

ESPECIAL
LUGAR DE MULHER É NA INDÚSTRIA



22

INTERNACIONAL
REFLEXOS DE UMA GUERRA



24

INFRAESTRUTURA
PERIGO NO CAMINHO

CARTA DA INDÚSTRIA é uma publicação da Firjan

Presidente:
Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira

Presidente em exercício:
Luiz César de Souza Caetano Alves

1º Vice-presidente CIRJ:
Carlos Fernando Gross

2º Vice-presidente Firjan:
Carlos Erane de Aguiar

2º Vice-presidente CIRJ:
Raul Eduardo David de Sanson

Diretor de Competitividade Industrial
e Comunicação Corporativa:
João Paulo Alcantara Gomes

Diretor executivo Firjan SENAI SESI:
Alexandre dos Reis

Diretora de Compliance e Jurídica:
Gisela Gadelha

Diretora de Pessoas, Finanças e
Serviços Corporativos:
Luciana de Sá

Gerente Geral de Comunicação:
Ingrid Bückmann

Gerente de Imprensa e Conteúdo:
Gisele Domingues

Jornalista Responsável:
Paulo Filgueiras (MTB 9122/MG)

Fotografia: Paula Johas
e Vinícius Magalhães
Projeto Gráfico:
Patrícia Mendonça Lima

Editada pela Insight Comunicação
Editor Geral: Luiz Cesar Faro
Editora Executiva: Silvia Noronha
Redação: Andréa Shad, Lucas
Rocha e Olga de Mello
Revisão: Geraldo Pereira
Design e Diagramação:
Marcelo Pires Santana
Produtor Gráfico: Ruy Saraiva
Foto de capa: Divulgação

Firjan
Avenida Graça Aranha 1
CEP: 20030-002 – Rio de Janeiro
www.firjan.com.br

Sugestões e dúvidas:
cartadaindustria@firjan.com.br



A SERVIÇO DA INDÚSTRIA

A Carta da Indústria traz, nesta edição, um guia para ajudar o empresário a trilhar o caminho do envio de informações de Saúde e Segurança do Trabalho (SST) na plataforma eSocial. Além de exemplos práticos das dificuldades com a ferramenta, a reportagem inclui um cronograma de ações e um passo a passo das dúvidas mais frequentes enfrentadas pelos gestores (matéria de capa, págs. 14 a 17).

Além desse serviço de utilidade empresarial, a edição traz ainda reflexões urgentes para o Brasil e o mundo. Nosso entrevistado do mês, o economista Rodrigo Octávio Orair, explica os principais pontos da proposta de reforma tributária – e a tendência internacional em torno do tema, que busca equiparar as taxas da Indústria com as de Serviços (págs. 6 a 9). Outro ponto nevrálgico para nosso futuro imediato, a Guerra na Ucrânia e suas implicações econômicas são analisadas pelos especialistas da Firjan (págs. 22 e 23), de modo a preparar o empresariado ao que está por vir.

Voltando o olhar para os nossos desafios mais próximos, a Carta destrincha um importante estudo da federação: o “Panorama do Roubo de Carga no Estado do Rio de Janeiro – 2022”, que revela uma média de 12 casos por dia, índice que vem baixando, mas ainda aquém, se considerarmos o nível das atividades econômicas no auge da pandemia (págs. 24 e 25). Outro tema pungente, a maior tragédia ambiental da história de Petrópolis, também repercute nas páginas desta edição, na qual atualizamos as ações empreendidas pela campanha Firjan SESI Solidariedade – SOS Petrópolis. A atuação da federação, que pelos esforços recebeu a Medalha Mérito da Defesa Civil, foi acompanhada de perto por senadores e pelo governador Cláudio Castro em visita à cidade (págs. 26 e 27).

E, claro, como março é o mês delas, esta edição traz uma reportagem mais que especial sobre as mulheres industriais. Elas contam os múltiplos desafios enfrentados no mercado de trabalho, bem como os esforços que as empresárias e suas empresas dedicam em busca de uma sociedade mais humana e igualitária (págs. 18 a 21).

Parabéns para elas, e aproveite a leitura!

DUTRA EM NOVO CONTRATO

Já está em vigor o contrato da nova concessão das rodovias Dutra (BR-116, Seropédica-São Paulo) e Rio-Santos (BR-101, Rio de Janeiro-Ubatuba), que traz diversas inovações originadas por pleitos encaminhados pela Firjan. Entre os investimentos previstos dentro do estado do Rio, que somam R\$ 7,5 bilhões, estão a nova subida da Serra das Araras (BR-116) e a ampliação de túneis na região de Mangaratiba (BR-101). A federação também trabalhou para a antecipação de obras que atenderão ao Cluster Automotivo do Sul Fluminense. Marcio Fortes, diretor de Relações Institucionais da Firjan, representou a instituição na cerimônia que marcou o início do contrato, em 04/03, em São José dos Campos, com as presenças do presidente Jair Bolsonaro e do ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas.

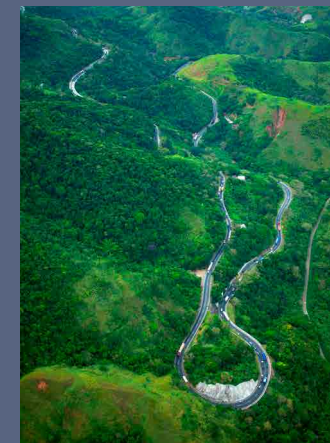


Foto: Arquivo CGR Nova Dutra

OBRIGAÇÕES AMBIENTAIS EM DIA

O evento anual da Firjan “Diálogos sobre obrigações ambientais da indústria” contou com três painéis on-line, que esmiuçaram um amplo leque de temas. Os enfoques principais foram atualização de normas legais, controle de resíduos sólidos e reúso e fontes alternativas de água. Como é usual, as empresas associadas que fizeram agendamento prévio puderam tirar dúvidas com técnicos de órgãos ambientais, por videoconferência, em balcões de atendimento exclusivo. O calendário está em: <https://bit.ly/3tmz9mN> e a playlist do evento em: <https://bit.ly/3CT2gky>.

ÉTICA: UMA ALIADA DA EMPRESA

A ética pode elevar o valor de mercado de uma empresa. Para isso, é importantíssima a demonstração do comprometimento dos diretores e do presidente da organização. Essa foi a tônica do debate “A ética como elemento de sucesso empresarial”, promovida pela Firjan, no Dia Mundial da Ética, com a participação de André Paris, especialista em Compliance; Marisa Peres, diretora de Gestão de Riscos e compliance officer da Nissan para a América do Sul; e Gisela Gadelha, diretora de Compliance e Jurídico da Firjan. Assista pelo canal da Firjan no YouTube: <https://bit.ly/3qhhgUC>.



Foto: Waldemir Barreto/Agência Senado



RODRIGO ORAIR

NOVAS TENDÊNCIAS EM TRIBUTAÇÃO NO MUNDO

Pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e ex-diretor da Instituição Fiscal Independente do Senado Federal, Rodrigo Orair explica os principais pontos em debate nas propostas de reforma tributária e conta o que há de novo no mundo sobre esse tema. Uma tendência internacional passa pela redução da taxaço sobre o lucro das empresas e, por outro lado, aumento da tributação no nível da pessoa física. É a reversão do chamado *trickle-down economics* ou teoria do gotejamento. Além disso, no Brasil, as propostas em pauta pretendem dar um fim na gigantesca diferença entre a taxaço da indústria e dos serviços. Entenda o que pode mudar, se a reforma for aprovada.

CI: Qual sua opinião sobre o debate em torno da reforma tributária no Brasil?

Rodrigo Orair: O primeiro condicionante importante é estarmos em ano eleitoral. As principais mudanças estruturais ocorreram nos primeiros anos do governo, quando ele, recém-eleito e com a legitimidade das urnas, consegue defender agendas mais amplas. O debate inclui as PECs 45 e 100, que no atual momento está com mais força. Em paralelo e não incompatível com a PEC 110, o governo federal havia anunciado a reforma em várias etapas. De concreto, foi apresentada a proposta de criação da Contribuição de Bens e Serviços (CBS) e uma reforma do Imposto de Renda, cujo projeto de lei está parado. Há uma pequeníssima chance de ser votado este ano e, caso seja, deverá ocorrer em versão muito reduzida.

CI: Qual a reforma tributária ideal e qual a possível?

Rodrigo Orair: Cada uma dessas propostas tem méritos, mas são insuficientes. O principal mérito é unificar a tributação de bens e serviços. Um problema bastante grave é a cumulatividade, ou seja, a incidência do imposto em cadeia sempre que ele não der o pleno crédito para ser apropriado pelas etapas da produção. Quem tende a ser mais punido? Os setores de cadeia longa, que são as indústrias. E os mais beneficiados: os de cadeias curtas, que são os serviços. Essa reforma tem o mérito de

instituir tributos modernos, que são no destino, não cumulativos e que tendem a uniformizar mais a questão dos tributos entre bens e serviços.

CI: Quais as diferenças principais entre as propostas em pauta?

Rodrigo Orair: A PEC 45 se refere apenas à tributação de bens e serviços, tendo o objetivo de eliminar cinco impostos: IPI, PIS, Cofins, ICMS, ISS, unificando todos eles em um Imposto sobre Valor Adicionado (IVA), moderno, que incide no destino, e é repartido entre as três esferas da federação. Ela também cria um imposto seletivo sobre alguns bens e serviços específicos, como tabaco e combustíveis, e há possibilidade de se estender para questões ambientais. A PEC 110 também faz isso, mas tem uma especificidade: em vez de um imposto só repartido entre os entes, há dois, um federal e outro estadual repartido com os municípios. Embora os objetivos sejam semelhantes, do ponto de vista federativo é diferente, porque a competência vai ficar com os estados. E para dizer que não toca em propriedade de renda, ela põe umas migalhinhas, como mudar a base de incidência do IPVA para incluir embarcações e jatinhos. A proposta do governo federal, de certo modo, conversa com a PEC 110, mas em várias etapas, sendo a primeira o imposto federal, que é a CBS, basicamente substituindo PIS e Cofins.

CI: O que há de novo no mundo sobre tributação?

Rodrigo Orair: O mundo está reduzindo alíquotas de imposto de renda pessoa jurídica (IRPJ) e, de outro lado, ampliando a base de incidência, revendo deduções e benefícios fiscais. O Brasil ficou atrasado nessa corrida. Hoje, segundo relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o país tem a segunda maior alíquota do mundo, relativa a CSLL e IRPJ sobre o lucro das empresas. O único que é maior é Malta. Os países estão convergindo para 25%, 20%. O mundo está compensando, ampliando a base de incidência e trazendo a tributação para o nível da pessoa física.

CI: Qual a razão para essa mudança?

Rodrigo Orair: Há um conjunto de ideias por trás disso. A primeira é que o destino do lucro é diferente, quando cobrado no nível da empresa ou do acionista. Na empresa, tende a gerar mais investimento, então do ponto de vista macroeconômico é melhor. Uma segunda questão é de equidade. O lucro da empresa, quando tributado, tem mais chance de ser repassado para os salários dos trabalhadores, para os preços ou para os fornecedores que participam da cadeia. Ao passo que, quando tributado no nível da pessoa física, há uma chance maior de incidir sobre o acionista. Tende, portanto, a ser mais progressivo. Em função disso, há uma reversão da tendência histórica da trickle-down economics (teoria do gotejamento), que vem dos anos 1980 e ficou até mais ou menos a crise de 2008. Era a ideia de que conceder isenções e incentivos para a renda do capital na pessoa física seria bom para os pobres e para todos, geraria investimento, e isso não ocorreu. Esse debate veio forte depois de 2008 e tomou uma dimensão muito maior com a pandemia. Uma questão central é a equidade. Do Joe Biden, nos Estados Unidos, passando pelo Chile, há inúmeras propostas no mundo pautadas nessa revisão.

CI: No Brasil, temos ainda uma tributação setorial desigual, com indústria pagando muito mais do que os serviços.

Rodrigo Orair: A grande questão hoje é termos vários tributos que acumulam e se sobrepõem, e alguns não dão crédito nenhum, como o ISS. Outros permitem, como o IPI e o ICMS, mas não dão ao empresário o pleno aproveitamento de crédito. Ou seja, na prática, os tributos brasileiros são cumulativos em algum grau. Isso cria um segundo problema, que é o fato das alíquotas entre bens e serviços serem muito desalinhadas entre si. Vamos pegar o caso do ICMS: um IVA moderno é no destino. O ICMS é um misto de destino e origem. Significa que, quando o estado do Rio vende um bem para Goiás, parte ficará lá e parte aqui. Isso cria brecha para uma guerra tributária predatória.

CI: Como deve ficar após a reforma?

Rodrigo Orair: Há duas questões por trás: pretende-se aplicar uma tributação mais uniforme entre indústria e serviços e trazer tudo para o destino. Ao mesmo tempo limita-se muito o espaço para incentivos fiscais. Na versão da PEC 45, basicamente fica de fora a cesta básica, como um mecanismo de devolução do imposto para os mais pobres. A PEC 110 permite alguns itens, como plano de saúde, transporte público, cesta básica e algumas pequenas exceções.

CI: Incentivos fiscais acabam?

Rodrigo Orair: Não vão acabar, mas mudam de forma. Benefícios tributários não são ruins em si, o problema é o instrumento utilizado. Os estados foram forçados pela guerra predatória a conceder benefícios, e o que eles fizeram? Concentraram a arrecadação, principalmente, nas três chamadas blue ships, que não têm essa questão da origem, que são energia elétrica, telecomunicação e combustíveis. Foi onde os governadores conseguiram preservar sua base tributável.



CI: Como estão as resistências a essa mudança?

Rodrigo Orair: Do ponto de vista federativo, esse é o maior obstáculo à reforma. Hoje o benefício tributário do IPI e ICMS, infelizmente, é um dos poucos, senão o único instrumento de política regional de atração de investimento no Brasil. Não se pode acabar com isso sem entregar nada em troca. Em ambas as PECs, há previsão de substituir esse instrumento tributário por fundos regionais de desenvolvimento, que terão capacidade de fazer subvenções econômicas. A literatura diz que é até melhor. O fundo regional terá agências para receber os projetos e, em vez de reduzir o ICMS, o projeto receberá uma subvenção. O grande problema é quem vai colocar dinheiro nesse fundo.

CI: O fim dos incentivos não provocaria aumento de alguns preços?

Rodrigo Orair: Muita gente diz que a revisão desse ponto aumentaria a tributação para os mais pobres. Nós fizemos simulações no Ipea e chegamos ao resultado contrário. Se é verdade que existem muitos bens e serviços de consumo típico dos mais pobres com isenção, como a cesta básica, por outro lado os serviços são muito menos tributados do que os bens indus-

triais também presentes na cesta de consumo dos mais pobres.

CI: É importante reduzir a tributação sobre a indústria, que chega a 45%?

Rodrigo Orair: Seria ideal ter a alíquota mais baixa possível para bens e serviços. Em vez de 27%, uma das mais altas do mundo – em média, porque há bens industriais pagando 44%, 45% e serviços perto de 7%, 8% –, o ideal é que seja 25%, 24%, quem sabe 22%, 15%, e retorna para os mais pobres todo o imposto que ele pagou, por meio de um programa parecido com o suplemento do Bolsa Família. Vão dizer que todos os prestadores de serviços, que geram 80% dos empregos do Brasil, vão pagar mais. Isso é uma desinformação, por dois motivos: primeiro não se mexe no Simples, e a grande maioria dos empregos é do Simples. Outra questão é diferenciar quem está vendendo para o consumidor final ou para as empresas. Estes se beneficiariam, porque hoje, mesmo com alíquotas pequenas – por exemplo, uma empresa que presta serviço de vigilância para uma indústria – não gera crédito. Se migrar para o imposto não cumulativo, passará a dar crédito. Quem perde são os prestadores de serviço para o consumidor final de médio e grande portes.



Equipe do Centro de Pesquisas e Inovação da CSN, que conta com Laboratório de Simulação e Realidade Virtual

EMPRESAS EM TRANSFORMAÇÃO

Pandemia acelera processo de digitalização das indústrias fluminenses

Na pandemia, as empresas perceberam que precisavam se readequar em novo formato e trabalho remoto. A transformação digital se tornou uma necessidade, com mudança de processos que atingiram pequenas e grandes organizações. A Toalet Descartável foi uma das que se transformaram nesse período. Passou de uma pequena empresa que fabrica um único produto a distribuidora de outros itens na área hospitalar, ampliando seu horizonte no ramo em que já atuava.

“Tenho um produto mais seletivo: os sacos coletores para urina. Com a pandemia, as vendas caíram. Percebi que era preciso

pulverizar e aumentar o acesso às pessoas e aos clientes, mas sem tantos investimentos iniciais. Criamos um novo site para o nosso e-commerce e começamos a distribuir produtos hospitalares, como seringas, aventais, máscaras e outros EPIs”, conta Fernanda Brites, proprietária da empresa.

Para se preparar, Fernanda diz que ela própria foi à luta, estudou e se adaptou à metodologia. Para isso, participou de eventos, como a Jornada de Transformação Digital, promovida pela Firjan IEL, em 2021, que abarcou seminário e capacitação exclusiva para associados com o professor Silvio Meira, referência nacional sobre o

tema. O conhecimento adquirido permitiu a implementação de um novo modelo de negócio focado na digitalização. Após o treinamento, a empresária conta que ficou mais aberta às novas tecnologias e também passou a utilizar plataformas digitais – os famosos marketplaces – com vistas a negociar para o ambiente hospitalar.

“A negociação é toda feita pelas plataformas e ainda reformulei meu site, com os novos produtos, e tenho uma agência digital que dá o suporte. Passei a ser uma distribuidora, fazendo parcerias com outras fábricas. A jornada me ensinou que é preciso acompanhar as tendências”, destaca Fernanda. Em 2022, ela pretende voltar a contratar. Quer investir em profissionais antenados nesse novo mundo, com perfil de marketing.

SIMPLIFICANDO O ACESSO

Além de divulgar em redes sociais, o empresário precisa investir em sistemas que diminuam a burocracia e facilitem as vendas. Felipe Meier, presidente do Conselho Empresarial de Competitividade da Firjan e do Sindicato da Indústria de Eletrônica, Telecomunicações e Componentes do Estado do Rio de Janeiro (Sinditec),

ressalta a importância de sistemas que unifiquem o banco de dados das empresas, melhorem a atuação na prospecção de clientes e nas ações de marketing, de modo a facilitar as vendas. “Com o perfil do cliente mapeado, o tempo do vendedor é poupado e ele poderá focar em fechar negócios”, orienta.

Meier cita que as mudanças já ocorrem na comunicação entre colaborador e cliente, em setores como os de assistência técnica. “O técnico hoje fecha o chamado pelo celular e o cliente assina na tela do aparelho. Do próprio smartphone, dispara um e-mail para o requisitante e os vários setores da empresa. O funcionário não precisa voltar mais ao escritório no fim do dia com uma pilha de papel”.

A Sistab Energia, da qual Meier é sócio, aprofundou o processo de transformação digital durante a pandemia e contabilizou um crescimento de 29% nas vendas em 2021. A empresa, que fornece nobreak, gerador, material elétrico e software de monitoramento, instalou sistemas de banco de dados, de marketing, de vendas e de apoio ao serviço de assistência técnica. E ainda terceirizou o setor financeiro, o que gerou economia.



Novo e-commerce da Flind, empresa da Toalet Descartável, que passou a vender produtos também de outras marcas

“Mudamos a agência que cuida das redes sociais e temos uma campanha intensa. Duas funcionárias de lá moram em Portugal. Isso mostra que não importa onde você esteja, pode trabalhar de qualquer lugar”, atesta Meier.

GRANDES PUXAM MENORES

O empresário alerta que para fazer a transformação digital é preciso envolver os gestores, a fim de alcançar um efeito multiplicador. É preciso oferecer também muito treinamento. Ele sugere que as empresas de pequeno porte comecem aos poucos. “Se o cliente percebe que você está informatizado, diminuem-se os problemas. As pequenas e médias empresas precisam fazer a transformação digital para a cadeia produtiva visualizar que elas se modernizaram”, afirma.

A questão engloba também a inserção ou permanência nas cadeias produtivas de valor. As grandes empresas querem que seus fornecedores estejam atualizados dentro dos padrões. “Petrobras e Vale, por exemplo, têm redes próprias de telecomunicação. Se a sua empresa não estiver atualizada, não vai acompanhar, por exemplo, os benefícios do 5G, como maior velocidade, precisão e segurança. Quem não se atualizar, vai ficar fora do mercado”, acrescenta Meier.

Outra empresa que participou da Jornada da Firjan IEL, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), acelerou a transformação digital nos últimos cinco anos. A CSN conta com um Centro de Pesquisas e Inovação com mais de 70 anos de existência, em Volta Redonda, no Sul Fluminense, que a colocou em uma posição de vantagem para as mudanças. Foram realizados investimentos relevantes em novas tecnologias, como softwares de simulação, forno de fusão a vácuo, entre outros projetos que elevaram o seu patamar nesse universo.

“Entre os projetos de destaque está

o Laboratório de Simulação e Realidade Virtual, que tem ajudado a siderúrgica a agilizar as simulações e os testes de produtos e processos, garantindo maior precisão nos resultados, além da redução de custos e esforços. A companhia consegue antever problemas nas aplicações dos produtos ou nas diferentes etapas de fabricação do aço”, resalta Daniel Ximenes, gerente de Inovação e Tecnologia da CSN.

Ximenes explica que é possível fazer uma experiência imersiva, dar vida ao produto e caminhar ao seu redor. Os óculos 3D permitem o experimento dos produtos nas mais diversas aplicações, com o mínimo de custo financeiro, e, com isso, quaisquer desafios podem ser previamente identificados e corrigidos, minimizando ou eliminando perdas, inconsistências e desperdícios. A siderúrgica conta ainda com a CSN Inova, que tem um fundo de venture capital de R\$ 100 milhões e investimentos em outras frentes (pilotos, parcerias, entre outros). Entre seus objetivos estão a manutenção de radar de tendências tecnológicas e a relação global com stakeholders em ciência, tecnologia e inovação (CT&I).

Foto: Sistab/Reprodução



Post da Sistab no Instagram: a empresa investe em campanhas digitais e possui um canal criativo na rede social

Firjan IEL



TRILHAS Firjan IEL
Desenvolva soluções para sua empresa.

As Trilhas da Firjan IEL são um novo modelo de consultoria prática, imersiva e ágil para solucionar um desafio da sua empresa. Na Trilha os participantes da sua empresa aprendem e aplicam novos conceitos, metodologias e ferramentas, e contam com o suporte de consultores especializados para a viabilização das soluções desenvolvidas.

Trilha Design Circular
Início: 14/4

Trilha Marketing Digital
Início: 27/4

Trilha Transformação Digital: Processos Administrativos
Início: 29/4

NÃO É ASSOCIADO?
ASSOCIE-SE AQUI.



Clique aqui e conheça nosso portfólio de Trilhas.

Exclusivo para empresas.
Faça a pré-inscrição da sua.

TIRA-DÚVIDAS SOBRE eSOCIAL

Esclareça as principais dificuldades com essa plataforma

O envio de informações de Saúde e Segurança do Trabalho (SST) na plataforma eSocial, criada pelo governo federal, tem gerado dúvidas e alguns contratempos entre empresários e gestores de empresas. Para esclarecer os principais questionamentos feitos pela indústria, preparamos um conjunto de orientações.

"O eSocial é uma ferramenta digital que reúne informações referentes aos trabalhadores. A Firjan participa de forma ativa das discussões sobre o tema, para que seja possível fazer sua implementação de forma integral, com o menor impacto. Um resultado de nosso trabalho veio em dezembro passado, quando o governo federal adiou para 2023 a obrigação das empresas enviarem grande parte dos dados de Saúde e Segurança do Trabalho através do eSocial", destaca Luiz Césio Caetano, presidente em exercício da federação.

À frente de uma empresa de construção civil de médio porte, Roberto Marcondes, sócio da RM Rodrigues Engenharia e Serviços, tem vivenciado de perto dificuldades que têm sido relatadas por muitos gestores. "Os programas do governo falham na questão operacional. O manual é genérico, e ficamos com uma série de dúvidas sobre o sistema. Por exemplo, como o Portal Simplificado de SST ainda não foi disponibilizado, precisamos contratar uma plataforma para lançar as informações e transferi-las para o governo. É um custo a mais que temos", relata.

Ele elogiou a assessoria que tem recebido da Gerência Institucional de SST da Firjan, a quem recorreu para esclarecer dúvidas que o serviço 0800 do governo não resolveu. "A equipe da federação me ajudou muito no processo operacional e com as informações sobre o adiamento de etapas, o que é fundamental", acrescenta ele.

Outra mudança defendida pela Firjan e aprovada pelo governo é que as empresas que não têm empregados expostos a agentes nocivos sejam dispensadas de apresentar as informações relacionadas ao monitoramento da saúde do trabalhador e os registros sobre as condições ambientais de trabalho.

RELATOS DE GESTORES

Roberta Almeida, especialista do Departamento Pessoal da Apolo Tubos e Equipamentos, contou que o maior desafio foi a implantação do eSocial, em 2018.

"A Apolo trabalhava com um sistema de folha de pagamento que não era compatível com o eSocial. Tivemos que trocar de sistema, e a nova ferramenta nos dá suporte. Mesmo assim foi preciso fazer todo o processo de implantação, importação de dados de um sistema para outro. Deu muito trabalho".

Como a Apolo é uma empresa de grande porte, já implantou vários processos no eSocial, o que provocou mudança na rotina, entre elas, estão, por exemplo, as férias, que precisam ser informadas com antecedência. "Nossa equipe participou de palestras da Firjan sobre o eSocial. Foram tão ricas que nem foi preciso fazer um curso sobre o tema", conta.

"Muitas empresas que não estão acom-

panhando o processo de implantação do eSocial leem as diversas portarias emitidas pelo governo, mas não conseguem fazer as conexões necessárias para entender as mudanças", ressalta José Luiz Barros, gerente Institucional de Saúde e Segurança do Trabalho da Firjan.

Acompanhe as orientações preparadas pela Carta da Indústria, a partir de informações repassadas por Barros e por Orion de Oliveira, coordenador-geral de Benefícios de Risco e Reabilitação Profissional da Previdência Social. "Queremos tornar esse processo de implantação do eSocial o mais tranquilo possível; por isso, nos esforçamos para responder todos os questionamentos", explica Oliveira.

CRONOGRAMA DE IMPLANTAÇÃO DO eSOCIAL

| Grupo | 1ª Fase Eventos de Tabela | 2ª Fase Eventos Não Periódicos | 3ª Fase Eventos Periódicos | 4ª Fase Eventos de SST |
|--|---------------------------------|--------------------------------------|----------------------------------|---------------------------------------|
| Grupo 1 – Empresas com faturamento anual superior a R\$ 78 milhões | 2018–8 jan | 2018–01 mar | 2018–01 mai | CAT – S-2210: 2022 – 10 jan |
| Grupo 2 – Entidades empresariais com faturamento no ano de 2016 de até R\$ 78.000.000,00 (setenta e oito milhões) e que não sejam optantes pelo Simples Nacional | 2018–16 out | 2018–10 out | 2019–10 jan | |
| Grupo 3 – Pessoas jurídicas Empregadores optantes pelo Simples Nacional e entidades sem fins lucrativos | 2019–10 jan | 2019–10 abr | 2021–10 mai | PPP S-2220 e S-2240: 2023 – 01 jan |
| Grupo 3 – Empregadores pessoa física (exceto doméstico), produtor rural PF | 2019 – 10 jan | 2019 – 10 abr | 2021 – 19 jul | |
| Grupo 4 – Órgãos públicos e organizações internacionais | 2021 – 21 jul | 2021 -22 nov | 2023 – 1º jan | |

PRINCIPAIS DÚVIDAS DOS GESTORES

COMUNICAÇÃO DE ACIDENTE DE TRABALHO:

- A substituição para o digital no eSocial foi imediata. Antes era feita pela plataforma CAT web. Agora é pelo eSocial pelo envio do evento S-2210.

PERFIL PSICOGRÁFICO PROFISSIONAL (PPP):

- O PPP em meio digital só entra em vigor em 1º/01/2023 para todos os grupos, conforme a Portaria 1010, de 24/12/2021, que alterou a Portaria 313. O PPP, em papel, está válido até 31/12/2022.

EVENTOS S-2220 E S-2240:

- Envio de informações ligadas a esses eventos só quando entrar em vigor o PPP digital, em 01/01/23 (Portaria 895).

REGISTRO DO TRABALHADOR:

- Prazo estendido para 1º/01/2023 (Portaria 895), para que o monitoramento da saúde do trabalhador e de condições ambientais do trabalho passem a contar no registro do trabalhador.

AUSÊNCIA DE RISCO:

- Como não foi implantado o PPP digital, a obrigatoriedade de enviar para o eSocial informações sobre ausência de risco para o trabalhador terá início em 1º/01/23, vide FAQ – Resposta a perguntas frequentes no site do governo federal, que não é um normativo, mas uma interpretação da administração pública sobre essa questão.

LAUDO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO DE ACIDENTE DE TRABALHO (LTCAT):

- Se houver risco é imperativo fazer o LTCAT.
- Empresas que não expõem o trabalhador a risco físico, químico ou biológico podem usar a autodeclaração em papel (conforme prevê a NR 1), que será substituída por uma ferramenta no portal, ainda a ser disponibilizada pelo Ministério do Trabalho e Previdência.
- Microempreendedor Individual (MEI) que não tiver empregado registrado pode fazer a autodeclaração de ausência de risco físico, químico e biológico, ficando dispensado das informações referentes ao PPP.

PROGRAMA DE GERENCIAMENTO DE RISCO (PGR):

- Se não houver risco, não é preciso fazer o LTCAT, mas a empresa é obrigada a fazer o PGR.
- O PGR pode ser usado como demonstrativo ambiental em substituição ao LTCAT, porém se a empresa tem ausência de risco, o PGR pode ser feito por qualquer profissional. Mas se tem risco, deve ser elaborado por médico do trabalho ou por engenheiro de segurança.
- Microempresas estão dispensadas do PGR, se não tiverem risco e optarem por fazer a declaração de risco em meio eletrônico.

AUTUAÇÃO DE EMPRESAS:

- Considerando a Portaria 334 de 02/22, não há possibilidade de autuação de uma empresa pelo Ministério do Trabalho e Previdência, se não tiver enviado os eventos S-2220 e S-2240, em 2022. Já a Receita Federal ainda não disciplinou essa questão.

INSS:

- Em 2022, a Previdência não usará as informações no eSocial para contabilização de tempo de serviço e benefício especial. Só vai considerar o PPP emitido em papel. Por meio digital só a partir de 1º/01/2023.
- Meu INSS: a Dataprev já está recebendo eventos de SST, que estão sendo incorporados ao Cadastro Nacional de Informações Sociais (CNIS). Já a consulta do PPP do trabalhador só estará disponível em 1º/01/2023 no aplicativo, vide Portaria 334.

PORTAL SIMPLIFICADO PARA MICRO E PEQUENAS EMPRESAS:

- O governo está testando e deve disponibilizar neste primeiro semestre de 2022 uma ferramenta web para prestação de eventos de SST para uso de pequenas empresas que têm poucas pessoas na gestão. O próprio empregador conseguirá preencher.

LUGAR DE MULHER É NA INDÚSTRIA

Universo feminino amplia seu espaço do chão de fábrica até cargos de liderança

Foto: Divulgação

Carla Pinheiro, do Sindijoias e da Ajourio, defende políticas públicas que fortaleçam o empreendedorismo feminino

Lugar de mulher também é no chão de fábrica e na liderança de equipes e empresas. O avanço feminino na indústria, iniciado nas áreas administrativas, gradualmente se consolida com a ocupação de outras atividades, inclusive de direção. As pioneiras em cargos de liderança na indústria já estão há décadas à frente de responsabilidades antes atribuídas a homens, como Sílvia Lantimant, presidente do Conselho de Administração da Granfino, empresa carioca com 550 funcionários, hoje presidida por sua prima Renata Barone. "É uma empresa familiar, dirigida por cinco primos-irmãos. Eu tinha experiência administrativa, era proprietária de uma confecção de roupas. Recebi uma boa oferta para vendê-la e meu pai logo me convocou para a Granfino, e lá se vão mais de 30 anos", conta Sílvia.

Abrir caminho em ambientes masculinos foi um longo aprendizado para Márcia Carrestiato Sancho, desde 2013 presidente da Firjan Centro-Norte Fluminense, que cursou Administração e foi trabalhar na gráfica da família, o primeiro dos setores "muito masculinos" que desbravou. Superando uma timidez natural, ela conseguiu liderar a categoria, tendo presidido o Sindicato das Indústrias Gráficas de Nova Friburgo e sendo a primeira mulher convidada a integrar o Rotary Club local, que também presidiu em 2003.

Foto: Fábio Rossi



Sílvia Lantimant, hoje presidente do Conselho da Granfino, acumula mais de 30 anos de indústria

“ Uma das minhas lutas é capacitar mais mulheres para conquistar seus espaços e fazer a diferença. Pesquisas provam que a presença mais equilibrada entre homens e mulheres traz resultados”

CARLA PINHEIRO
PRESIDENTE DO SINDIJOIAS E DA AJORIO

Para Márcia, o respeito que adquiriu é a construção de ações pela comunidade, pela indústria, por ideias muito distantes do que se associa a "sexo frágil". "Nunca desistam dos seus sonhos, sempre persistam, e que os desafios não sejam pedras no caminho, para que você consiga ter uma realização profissional, familiar e de vida", aconselha.

No 8 de março, Dia Internacional da Mulher, o grupo Mulheres na Indústria do Norte Fluminense comemorou um ano de reuniões mensais para discutir os desafios da liderança feminina. "O traço comum a essas líderes é a determinação, aliada ao perfeccionismo e ao empenho em provar a própria competência. Um dos nossos objetivos é exatamente fomentar mais lideranças femininas, com cursos de capacitação", afirma Monalisa Crespo, idealizadora do grupo e vice-presidente do Sindicato das Indústrias de Vestuário de Campos (SindVest Campos).

HORIZONTE EM AMPLIAÇÃO

Carla Pinheiro é outro exemplo de executiva multitarefa. Diretora da Firjan, ela dirige a própria empresa e preside duas instituições – Sindicato das Indústrias de Joias e Lapidação de Pedras Preciosas do Estado do Rio de Janeiro (Sindijoias) e Associação de Joalheiros e Relojoeiros do Rio de Janeiro

ro (Aorio). Ela adianta que seu setor tem a maioria dos produtos voltada para o público feminino, mas os industriais são majoritariamente homens.

“Uma das minhas lutas é capacitar mais mulheres para conquistar seus espaços e fazer a diferença. Temos números e pesquisas que provam que a presença mais equilibrada entre homens e mulheres traz resultados para o faturamento”, avalia ela, que sempre fez parte de um universo com predominância masculina. Fez engenharia elétrica e trabalhou no mercado financeiro antes de se tornar empresária. Única mulher entre os irmãos, ela ingressou na Art'Lev aos 27 anos e hoje lidera a fábrica.

“Hoje em dia há muitas empreendedoras, mas não há políticas públicas voltadas para esse grupo, como acesso a crédito diferenciado, uma vez que o risco de inadimplência é muito menor para o público feminino. Entretanto, não há diferenciação das linhas”, exemplifica ela, que, em março, representou a Firjan na formatura de 234 alunas de 19 turmas do projeto Elas na Indústria, parceria da federação com a Prefeitura do Rio, por meio da Secretaria de Políticas e Promoção da Mulher. A iniciativa oferece qualificação em especialidades diversas no setor industrial.

Aumentar as oportunidades para mulheres em setores que sempre se notabilizaram pela ocupação masculina, garantin-

“Que os desafios não sejam pedras no caminho, para que as mulheres consigam ter uma realização profissional, familiar e de vida”

MÁRCIA CARESTIATO
PRESIDENTE DA FIRJAN CENTRO-NORTE

do isonomia salarial pelo desempenho das mesmas funções, é meta defendida pela Firjan SENAI SESI entre seus associados, através de parcerias em programas desenvolvidos pelas empresas. Tais projetos buscam identificar e romper barreiras em indústrias que possuem desafios aparentemente simples, como uniformes e banheiros femininos, mas que continuam a persistir nos dias de hoje e que contribuem para limitar o acesso de mulheres ao mercado.

PROJETOS DE INCLUSÃO

Empresas como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que em 2020 ganhou o prêmio Faz Diferença pelo programa Diversidade na Siderurgia, buscam estimular o aumento da presença feminina e a promoção de pessoas negras e com deficiência a posições de liderança. Desde 2020, através do projeto, foram capacitadas mais de 200 mulheres, que fizeram cursos de qualificação profissional e competências socioemocionais com a Firjan SENAI SESI.

Eliane Damasceno, coordenadora de

Foto: Paula Johas



Márcia Carestiato atua na indústria gráfica e desbravou caminhos antes ocupados por homens

Projetos integrados em Responsabilidade Social da Firjan, informa que as empresas têm procurado a federação para parcerias que reduzam a desigualdade de gênero, sensibilizando gestores e equipes para o aumento de mulheres na operação. “São indústrias que querem reduzir espaços hostis à presença feminina e possuem iniciativas diversas para as quais pedem nosso apoio”, conta ela.

Um desses projetos é o Pertencer II, desenvolvido pela Gerda Cosigua em parceria com a Firjan SENAI SESI. E foi o pontapé para a carreira da bacharel em Automação Industrial, Ana Paula Martins Cruz, de 25 anos, que trabalha na empresa como operadora de Processos Siderúrgicos. Segundo ela, o preconceito no meio contra as mulheres está em queda. “Na área administrativa é que as mulheres são vistas sem qualquer reserva. Na produção, no chão de fábrica, é necessário comprovar conhecimento, força, habilidade; mas acredito que estamos conseguindo mudar isso. Os projetos de inclusão são a melhor maneira de quebrarmos essa barreira”, opina Ana Paula.

BAYER E ENEL

A Enel, por sua vez, abriu vaga este ano para 20 alunas da primeira turma da Escola de Mulheres Eletricistas, em parceria com a Firjan SENAI SESI. “Queremos promover a equidade voltada para nosso negócio, po-

rém é preciso cuidado com as alunas. Se hoje temos uma área predominantemente exercida por homens, isso se deve também à falta de estrutura familiar de muitas mulheres para trabalharem no que lhes interessa”, pontua Cláudia Guimarães, head de Projetos de Sustentabilidade em Distribuição da Enel Brasil.

Sediada há 64 anos em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, a Bayer pretende equalizar seu quadro de pessoal com homens e mulheres até 2030. A fim de acelerar esse processo, criou o programa de qualificação e formação profissional Elas da Bayer: Impulsionando mulheres para a indústria, também em parceria com a Firjan SENAI SESI. As 25 vagas gratuitas para operadora de Produção Industrial foram preenchidas por moradoras do município, que poderão ser aproveitadas nos quadros temporários de funcionários a partir de junho.

“Graças à Firjan SENAI estamos trabalhando as competências socioemocionais da turma, pois o regime na indústria é de turnos ininterruptos, uma dificuldade para quem tem filhos pequenos. Muitas delas são mães solo, mas têm ajuda para cuidar da família e estão empenhadas em buscar uma qualificação. E das 25, duas são mulheres trans”, ressalta Ana Isabel dos Santos, gerente de Relações com a Comunidade do Parque Industrial de Belford Roxo.

Foto: Divulgação



Participantes do programa de qualificação e formação profissional Elas da Bayer

REFLEXOS DE UMA GUERRA

Os impactos econômicos da guerra entre a Ucrânia e a Rússia já são sentidos no Brasil e deverão se intensificar mesmo com uma breve resolução do conflito. A avaliação é da Firjan, que traça dois diferentes cenários: o do fim da guerra ou de sua extensão por um longo período. Em ambos os casos, existe projeção de choque de preços internacionais, aumento das taxas de juros e da inflação no Brasil.

Segundo Paulo Ferracioli, membro do Conselho Empresarial de Relações Internacionais da Firjan, as sanções norte-americanas contra a Rússia – a sétima economia mundial e um dos principais exportadores de energia e trigo para a Europa – podem alterar todo o sistema financeiro que conhecemos desde os anos 1970.

“O primeiro impacto da guerra é, sem dúvida, a questão humanitária. O segundo, um imediato aumento no custo de energia, que afeta o mundo inteiro em diferentes aspectos, pois muda a logística de transporte de insumos. O terceiro é a substituição

do dólar por outras moedas para negociar com a Rússia, o que já foi sinalizado pela Índia e Arábia Saudita, e que acontece no sistema de transações próprio da China”, explica Ferracioli. Além disso, alerta ele, a Rússia tem importância primordial na cadeia de suprimentos de minérios e gases essenciais para a indústria internacional, como platina, paládio, gás neon e xenônio. A redução de operações de logística nos territórios russo e ucraniano afeta as cadeias globais de valor, aumentando imediatamente os preços de alimentos.

IMPACTOS NO BRASIL

Jonathas Goulart, gerente de Estudos Econômicos da federação, diz que as consequências para o Brasil podem exigir da União uma expansão de subsídios para minimizar impactos sobre os preços no mercado interno. “Já sentimos o aumento de juros nas economias de países em desenvolvimento e nos preços de commodities como trigo e combustíveis. Preocupa que haja mais infla-

ção em ano de eleição, além da fragilidade da política fiscal brasileira. Já estamos com risco de furar o teto dos gastos”, analisa.

O conflito deve restringir o crescimento do Brasil, além de frear a abertura de novos postos de trabalho, acrescenta Goulart. “Em qualquer cenário, o ideal seria termos uma política fiscal com liberdade maior para desindexar os gastos públicos”, pondera. Especificamente em relação ao Rio, o aumento do preço do petróleo amorteceria a queda da economia fluminense, caso a guerra se intensifique; ou até favoreceria o estado, caso o conflito termine, dando fim também às restrições econômicas.

Os produtos importados da Rússia pelo Brasil representam 2,6% do total das compras externas, mas no caso dos fertilizantes o índice chega a 32%. Já os produtos brasileiros exportados para a Rússia correspondem a 0,6% do total da pauta nacional. Para o estado do Rio, o comércio bilateral entre as partes também é baixo: a Rússia é o 55º país no ranking de exportações fluminenses e o 24º nas importações, considerando a balança comercial de 2021. Entre os itens, os pneumáticos representam 31% dos embarques e o carvão, 64% das compras do estado.

Diante desse cenário, com o intuito de elucidar esse panorama, a Firjan realizou neste mês de março uma reunião extraordinária conjunta dos Conselhos de Relações Internacionais e de Economia. Estiveram presentes o diplomata Antonio José Valim Guerreiro, embaixador do Brasil em Moscou (2014-2016) e em Bruxelas (2016-2018); o diplomata Antônio Luis Espinola Salgado, embaixador do Brasil em Teerã (2008-2013), Ancara (2013-2016) e Moscou (2016-2018); o mestre em Relações Internacionais da PUC-Rio, Tanguy Baghdadi, que também é comentarista de Política Internacional da Globonews; além do presidente do Conselho de Relações Internacionais da Firjan, embaixador José Alfredo Graça Lima; e do presidente do Conselho de Economia da Firjan, Rodrigo Santiago.

“Estamos acompanhando sanções talvez nunca vistas, mas não creio que farão a Rússia mudar de posição. Não acredito que este projeto russo tenha viabilidade de longo prazo em nenhuma circunstância, em nenhum setor. A única solução viável é a negociação de um cessar fogo, com concessões dos dois lados”, destacou o embaixador Antônio José Valim Guerreiro.

“Putin é considerado um grande estrategista, mas, neste caso, acho que ele não agiu dessa maneira. Não sei o que a Rússia vai ganhar, a não ser reacender desconfianças até com governos que eram mais simpáticos e compreensivos”, acrescentou o embaixador Antônio Luis Espinola Salgado.

Santiago, por sua vez, ressalta a catástrofe humanitária e a instabilidade sobre a economia. “O conflito armado nos leva a mais imprevisibilidade, situação que ninguém poderia desejar para uma economia que se recupera da pandemia. Importante termos um olhar atento para agir, junto às autoridades, em defesa dos empregos e do crescimento do estado do Rio”, pontua.

CENÁRIOS DA FIRJAN PARA 2022

| Projeções | Fim do conflito | Agravamento do conflito |
|----------------|----------------------|-------------------------|
| IPCA | 5,9% (acima da meta) | 9% |
| Dólar (câmbio) | R\$ 5,40 | R\$ 6,00 |
| Juros (Selic) | 12,25% | 14% |
| PIB Brasil | 0,3% | - 1,5% |
| PIB Rio | 2,0% | 0,5% |
| Dívida %/PIB | 85,6% | 88,5% |

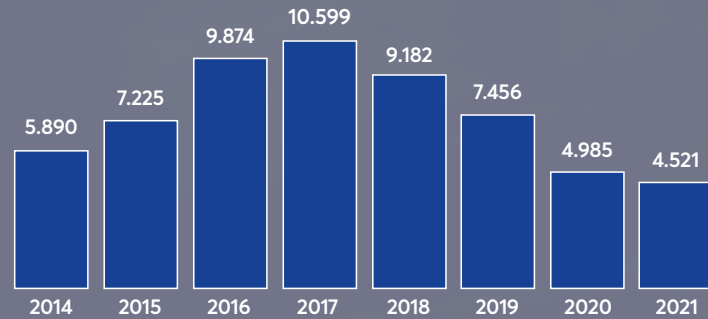


CONSEQUÊNCIAS DO CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA

- ⊙ Aumento da aversão ao risco nas economias em desenvolvimento
- ⊙ Desvalorização do real
- ⊙ Escassez de insumos e aumento nos custos da produção agrícola
- ⊙ Aumento no preço do petróleo e do trigo
- ⊙ Aumento dos juros nas economias desenvolvidas
- ⊙ Fragilidade da atividade econômica mundial
- ⊙ Reação de política econômica Interna

PERIGO NO CAMINHO

EVOLUÇÃO ANUAL DE CASOS DE ROUBO DE CARGA NO ESTADO DO RIO



Fonte: Elaboração da Firjan, com base em dados do Instituto de Segurança Pública (ISP)

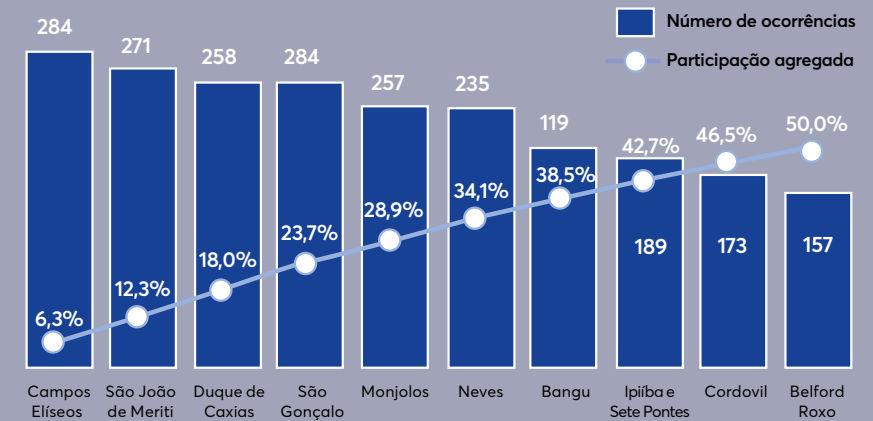
O estado do Rio registrou, em média, 12 casos de roubo de carga por dia, somando mais de 4.500 ocorrências, em 2021. As perdas diretas para as empresas com esse tipo de crime somaram R\$ 389 milhões, considerando o valor médio das mercadorias desviadas, segundo o "Panorama do Roubo de Carga no Estado do Rio de Janeiro – 2022", produzido pela Firjan.

"Houve uma discreta redução de 9% nos casos fluminenses no ano passado. Isso ainda é pouco, sobretudo se considerarmos que as atividades econômicas não estavam a pleno vapor devido à pandemia. A situação é muito preocupante. É preciso avaliar também a questão de forma ampla, porque impacta o desenvolvimento social", analisa Luiz Césio Caetano,

presidente em exercício da federação.

Foi o quarto ano seguido de redução de casos, com o total mais baixo dos últimos oito anos. Porém, nas regiões cortadas pelo Arco Metropolitano, na Baixada Fluminense, houve um aumento médio de 10% nas ocorrências, apenas em 11 Circunscrições Integradas de Segurança Pública (CISPs). "A Baixada continua sofrendo com o roubo de cargas. Na CISP de Campos Eliseos, em Duque de Caxias, no entroncamento do Arco com a BR-040, a alta foi de 26%. Isso traz um prejuízo enorme para as empresas estabelecidas e desestimula o investimento em novas, além da dificuldade de fazer o seguro da frota. Nossa empresa é obrigada a usar transporte terceirizado face à criminalidade na região, o que en-

CONCENTRAÇÃO DOS CASOS DE ROUBO DE CARGA NO ESTADO DO RIO (POR CISP)



Fonte: Elaboração da Firjan, com base em dados do Instituto de Segurança Pública (ISP)

carece os custos", ressalta Roberto Leverone, presidente da Firjan Caxias e Região.

São Gonçalo, por sua vez, teve um incremento de 18% nos casos. "A Região Metropolitana é um ponto nevrálgico. O município concentra quatro CISPs entre as 10 que mais registraram esse tipo de crime. A situação do Leste Fluminense e da Baixada é muito preocupante. A Firjan cobra ações mais efetivas de policiamento. Insiste muito no projeto do Arco Seguro. Nossa esperança é que a futura concessionária do Arco faça ações mais rápidas para conseguir o reforço no policiamento e a instalação de cabine policial na via. É preciso o governo investir em políticas de segurança pública, inclusive relativas ao contrabando", alerta Caetano.

SEGURANÇA INTEGRADA

Cerca de 97% dos casos registrados em 2021 foram na Região Metropolitana do Rio e metade aconteceu em 10 das 137 CISPs do estado. Essas regiões são cortadas pelas principais rodovias fluminenses: BR-040/Washington Luís; BR-101/Avenida Brasil; BR-101/Niterói-Manilha; BR-116/Dutra; BR-493/Arco Metropolitano; e RJ-104/Rodovia Amaral Peixoto.

Carlos Erane de Aguiar, vice-presidente da Firjan, também chama atenção para a conclusão do posto da Polícia Rodoviária Federal no Arco. "É importante haver uma atuação integrada das forças de segurança, incluindo o combate aos outros elos da cadeia do roubo de carga, como a receptação de mercadoria roubada e o comércio ilegal", defende ele, que também é presidente da Firjan Nova Iguaçu e Região e do Conselho Empresarial de Defesa e Segurança da federação. Ele pontua ainda a segurança pública como fundamental para o desenvolvimento socioeconômico.

Responsável pelo estudo, Marcos Costa, analista de Infraestrutura da federação, lembra que o pico dos casos foi em 2017. "A situação estava muito crítica. Em 2020, após uma intervenção federal e com a inclusão do indicador no Sistema Integrado de Metas, o cenário já estava um pouco melhor. Além disso, um trabalho contínuo de segurança pública vem sendo feito", pondera.

+ Quer saber mais?

Acesse o estudo "Panorama do Roubo de Carga no estado do Rio de Janeiro – 2022", produzido pela Firjan: <https://bit.ly/3CGXZ3G>.

SOS PETRÓPOLIS

Neste mês de março, a Firjan continuou os esforços em torno de iniciativas em auxílio aos empresários e à sociedade de Petrópolis na recuperação socioeconômica da cidade. Em uma das frentes de atuação, a campanha Firjan SESI Solidariedade – SOS Petrópolis age diretamente para atender os desabrigados, a partir das orientações da Prefeitura e da Defesa Civil municipal, sobre os itens mais urgentes para a população atingida pelo temporal de fevereiro. Entre as doações recebidas pela campanha, está a da Petrobras no valor de R\$ 1 milhão.

Em outra vertente, o Centro de Atendimento ao Pequeno Empresário de Petrópolis manteve as portas abertas, na sede da Firjan Serrana, visando contribuir para a retomada dos negócios e, por conseguinte, dos empregos. Por ações como es-

sas, a Firjan foi homenageada com a medalha "Mérito da Defesa Civil".

Às necessidades de curto prazo, se somava a visão de futuro, que exige medidas que aumentem a resiliência do município. Em março, outra chuva forte voltou a provocar desabamentos e alagamentos. "Precisamos iniciar já ações efetivas de prevenção que não se limitem a melhorar o sistema de escoamento de águas pluviais, cujas galerias precisam de reforma, mas também repensar o crescimento da população da cidade. Uma área é considerada de risco quando se edifica em locais com mais de 30 graus de inclinação. Em Petrópolis, muitos dos morros ocupados por moradias têm mais de 70 graus de inclinação", avalia Julio Talon, presidente da Firjan Serrana e da GE Celma.

Talon lembra que a federação já aler-

Foto: Divulgação



Doações para os desabrigados, arrecadadas pela campanha Firjan SESI Solidariedade – SOS Petrópolis

BALANÇO DA CAMPANHA



R\$ 1,13 milhão



valor arrecadado até 22/03

tava sobre a prioridade de se modernizar a rede de águas pluviais de Petrópolis, que, segundo ele, atende a cidade há mais de 50 anos. "As mudanças climáticas não provocavam chuvas de tal intensidade nem com tanta frequência", afirma.

ARTICULAÇÃO

Em 17/03, Valter Zanacoli, vice-presidente da Firjan Serrana, se reuniu com os representantes da Comissão Temporária do Senado, criada para acompanhar os desdobramentos da tragédia de Petrópolis. Integraram a comitiva os senadores fluminenses Romário, Carlos Portinho e Flávio Bolsonaro, além de Eduardo Girão, representante do estado do Ceará.

"Precisamos dessa aproximação do Estado, com um olhar para o interior, ouvindo as nossas demandas e elaborando juntos estratégias para o fortalecimento regional", explica Zanacoli, que também é presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas de Petrópolis (Sigrap).

Relator da Comissão, Portinho afirmou que o trabalho do grupo será propositivo em quatro eixos: prevenção e contenção de encostas, habitação, saúde mental e recursos federais. Segundo ele, constará também no relatório final sugestões para atender às necessidades do empresário local. "Já apresentamos um projeto de lei autorizando a cidade de Petrópolis a lançar NFT, que é um ativo imaterial, com grande força de captação de recursos. A cidade vai ser pioneira e inovadora nesse novo mercado, com os recursos desti-

Foto: Paula Johas



Valter Zanacoli, governador Cláudio Castro e Luiz César Caetano na cerimônia em memória às vítimas de Petrópolis

nados ao 1º Distrito, às ruas Teresa e do Imperador e, até mesmo, para compra de terrenos para construção de moradias", adiantou o senador.

Zanacoli e Luiz César Caetano, presidente em exercício da Firjan, participaram ainda da entrega da medalha "Mérito da Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro", em 16/03, em homenagem ao trabalho da federação na ajuda às pessoas e empresas para a recuperação econômica da cidade. A cerimônia, que reuniu cerca de mil convidados nos jardins do Palácio Guanabara, em Laranjeiras, Zona Sul carioca, foi realizada em memória aos mais de 230 mortos na catástrofe.

"A Firjan SESI, por meio dessa campanha, prontamente prestou socorro à sociedade. Esta medalha é, portanto, um reconhecimento a todo o esforço que a federação, com seu corpo técnico, funcionários e voluntários, prestou neste momento tão difícil e doloroso aos munícipes de Petrópolis e à indústria ali instalada. Estamos certos de que este reconhecimento só engrandece o trabalho que a Firjan SESI tem feito na cidade", declarou Caetano.

+ Quer saber mais?

Saiba como doar para a campanha Firjan SESI Solidariedade – SOS Petrópolis:
<https://www.firjan.com.br/sospetropolis.htm>

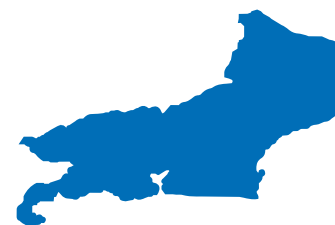
CAMPANHA DE VACINAÇÃO CONTRA A GRIPE

Proteja seu maior bem: o trabalhador.

Você sabia que a vacinação contra a gripe é eficaz para garantir um ambiente de trabalho muito mais seguro e produtivo? Por isso, todos os anos, a Firjan SESI realiza a campanha de imunização para apoiar as empresas na estratégia de prevenção contra o vírus influenza e promoção à saúde dos trabalhadores.

Clique aqui, solicite o orçamento e inicie hoje mesmo o planejamento de imunização da sua empresa.

Saúde e Segurança do Trabalho da Firjan SESI.
Nosso maior bem é a vida.



INDÚSTRIA DO ESTADO DO RIO

SALDO DE EMPREGOS NA INDÚSTRIA POR REGIÃO

JANEIRO / 2022

| | |
|----------------------|--------------|
| Leste | 1.916 |
| Capital | 1.871 |
| Caxias e região | 410 |
| Norte | 385 |
| Nova Iguaçu e região | 356 |
| Sul | 237 |
| Centro-Norte | 28 |
| Serrana | 2 |
| Noroeste | -16 |
| Centro-Sul | -27 |
| Estado do Rio | 5.162 |

PRODUÇÃO INDUSTRIAL - RJ

JANEIRO / 2022

SETORES EM ALTA

131,9%
Equipamentos de transporte, exceto veículos automotores

13,9%
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos

13,7%
Impressão e reprodução de gravações

12,5%
Reparação e instalação de máquinas e equipamentos

12,1%
Outro produtos químicos

SETORES EM QUEDA

-11,4%
Produtos de borracha e de plástico

-11,3%
Produtos farmacêuticos e farmacêuticos

-8,3%
Veículos automotores, reboques e carrocerias

-4,8%
Metalurgia

-1,1%
Fabricação de produtos alimentícios



BRASIL

↓ **-7,2%**



RIO DE JANEIRO

↑ **2,8%**

EXPECTATIVAS PARA OS PRÓXIMOS SEIS MESES NO ESTADO DO RIO



ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL


JANEIRO / 2022

BRASIL
55,8



RIO DE JANEIRO
55,6





Só quem entende
o empresário
**consegue criar as
melhores soluções.**

Todo empresário precisa de apoio. Por isso, ele precisa de um lugar que entenda seus desafios, possua corpo técnico especializado e apresente soluções customizadas. A Firjan é esse lugar. A gente pratica o associativismo de alto nível, oferece assessorias, capacitações, além de valores diferenciados nos produtos e serviços da Firjan SENAI, Firjan SESI e Firjan IEL. O lugar do empresário é na Firjan. Seja associado e conte com nossa parceria estratégica.

Juntos, somos mais fortes. Associe-se.

Confira todas as vantagens de se associar.
firjan.com.br/associe-se